

O que ficou do rasgo de silêncio de Fabianna Pellegrino

A palavra é um objeto? A palavra representa um objeto? Questões que vão de *Ceci n'est pas une pipe* de Magritte, mas que podem sugerir o comentário de Andy Warhol sobre o espelho que olha para um espelho e sua indefinida imagem refletida: esta seria o quê, afinal? Qual é a miragem projetada daquilo que já é miragem em si?

Fabianna Pellegrino ocupa as janelas da Abapirá com seu poema *Silêncio*, onde trata da relação das palavras e da construção do mundo; ao menos numa primeira leitura. Na verdade, o poema se transforma em algo novo a cada vez que nos debruçamos nele. Seu humor final pode ser irônico, mas pode ser inocente, pode ser consciente ou inconsciente: e não é isso que cabe a um artista?

E essa não deve ser a especialidade do poeta?

Dar espaço ao observador para que a obra importe aquilo que lhe cabe criando um mundo inteiramente novo, que jamais existiria sem o conjunto obra/observador. Além do poema, colagens visuais criadas pela artista estão lá também: dos observadores liliputianos da deusa grega às vacas magras que pastam o mar inundado no apoio à Capitu que devolve recatadamente o olhar ao fruto proibido.

Sua delicadeza está justamente em criar ambas possibilidades, em não descartar o todo complexo que somos, céticos ou crentes.

“Tenho certeza que vou me olhar no espelho e não ver nada. As pessoas estão sempre me chamando de um espelho, e se um espelho olhar no espelho, o que haverá para ver?” Andy Warhol

Andy Warhol gostaria de ser poeta, com certeza... hoje a força da poesia vem de Fabianna.

Foucault levanta a possibilidade da tela de Magritte ser um caligrama, um conjunto gráfico e ortográfico que elimina a retórica para fazer brotar um novo campo de compreensão. Em seu texto, ele enxerga a negação da imagem óbvia como um poema gráfico perfeito, onde a dissolução daquilo que seria um típico caligrama forma aquilo que somente o é metafisicamente.

“A forma, quanto a ela, volta a seu céu, do qual a cumplicidade das letras com o espaço a havia feito descer por um instante: livre de qualquer liame discursivo, ela vai poder flutuar de novo em seu silêncio nativo.” Michel Foucault

Se para Foucault pintar não é afirmar, parece que para Fabianna escrever não é dizer...

A mentira das palavras encontra-se nas esquinas de nossa representação momentânea das suas imagens inventadas. A verdade das palavras está na nossa íntima experiência de sua tangibilidade extrínseca, um honesto paradoxo. Fique claro que a mentira não é o inverso da verdade, mas a possibilidade de enganar a certeza que buscamos como verdade.

A poesia aqui parece aquela camada d'água entre o vento e sua profundidade que se arrepia sem revelar de pronto aquilo que quer importar. Um sopro de mulher neblina no mar, como lã.

Gui Martins Pinheiro, 10 de fevereiro de 2021.